



O conto literário de temática açoriana: a ilha, o mar e a emigração

(Texto de apresentação de
tese de doutoramento)

Mónica Serpa Cabral
Universidade de Aveiro

Há cerca de dez anos que me dedico ao estudo da literatura dos Açores, num itinerário que se iniciou com a investigação de mestrado sobre a narrativa breve de João de Melo e que tem prosseguido com a publicação de artigos e com o trabalho de doutoramento sobre o conto literário de temática açoriana. O meu interesse pelos escritores das ilhas advém, naturalmente, da minha proximidade afectiva com a realidade açoriana, visto ter nascido em São Miguel, mas também da distância geográfica em relação ao arquipélago, dado residir no Continente há onze anos. Talvez aí esteja um ponto interessante: o meu olhar poderá ser, ao mesmo tempo, interno e externo, e por isso, eventualmente, terá algo novo a dizer. E é esse olhar que dá sentido a este trabalho.

O título da tese, "O conto literário de temática açoriana: a ilha, o mar e a emigração", indica que o estudo se debruça sobre um género narrativo em particular, o conto literário, a mais antiga forma de narração em prosa. Em Portugal, contrariamente a países como a Espanha, a Inglaterra, os Estados Unidos e alguns países da América Latina, durante muito tempo foram relativamente escassos os trabalhos teóricos e crítico-literários sobre o conto. Só recentemente, nomeadamente a partir dos anos 90, verificou-se um crescente interesse pelo estudo do género, pelo que este trabalho se insere numa tendência que confere ao conto um lugar significativo nos campos da criação, da teoria, da recepção e da crítica literárias, e que vê neste género narrativo uma fonte inesgotável de perspectivas, temas,

técnicas e um espaço propício à experimentação, sem deixar, todavia, de apresentar vestígios das formas literárias que o originaram. Portanto, a discussão acerca do conto tem aumentado nos últimos tempos, como comprova a publicação da revista *Forma Breve*, dirigida por António Manuel Ferreira, que, desde o seu primeiro número, em 2003, procura revelar uma variedade de aspectos relacionados com a narrativa breve, sem, no entanto, se circunscrever ao conto literário. Podemos dizer que, em geral, os estudos sobre o conto em Portugal têm sido influenciados por teóricos norte e sul-americanos e ingleses, como Edgar Allan Poe, Charles E. May, Susan Lohafer, Massaud Moisés, Julio Cortázar, Nádía Battella Gotlib e Dominic Head, que deram os principais contributos para a teoria contística, tendo discutido os aspectos que caracterizam o conto como género narrativo e como reflexo da condição moderna e pós-moderna, enfim, a sua problemática e evolução não linear ao longo dos tempos. O conto literário possui uma grande flexibilidade temática e estrutural, assumindo uma grande abertura a novas experimentações no campo da literatura, mormente quando se cruza com outros géneros e com outras artes, como a pintura e o cinema. Talvez seja esse o motivo principal para um tão confuso entrelaçamento das possibilidades estéticas e das correntes teóricas. Com efeito, a esperança de se alcançar uma definição do conto que possa ser extensível a todos os tempos parece remota.

É interessante conhecer as mudanças que ocorreram na escrita e na teoria contísticas, à semelhança do que foi acontecendo na narrativa em geral. Se, ultimamente, perdeu muito do seu carácter elaborado sobre elementos narrativos, tornando-se mais lírico do que narrativo, é porque também o conto acompanhou a desagregação do conceito clássico de romance. Assim, numa primeira fase da sua evolução, nota-se a importância da forma, da intriga, do desenlace, da sequência linear, da verosimilhança. As tendências actuais, todavia, introduziram novidades que vieram anular muitos desses aspectos, como a ausência da intriga, a contaminação ambígua por elementos líricos, a eliminação da sequência temporal e linear, a mistura de detalhes externos e projecções psicológicas, a visão do real como uma construção ficcional, características que exigem uma leitura activa, dinâmica e co-construtora do texto. Todos estes elementos resultam das novas exigências de uma arte de contar que se volta para a actualidade e da exploração da subjectividade por parte do homem pós-moderno, para quem o racional é apenas outro tipo de fantasia. Com efeito, ao lermos grande parte da literatura portuguesa dos séculos XX e XXI, encontramos obras que revelam um carácter híbrido, em especial a confluência no mesmo texto de elementos narrativos e elementos líricos. É claro que esta tendência não constitui uma novidade absoluta – basta pensarmos em *Viagens na Minha Terra*, de Almeida Garrett, ou mesmo em *Os Lusíadas*, de Luís de Camões. O que pode configurar uma mudança é a preponderância do hibridismo como elemento coesivo entre os códigos literários e o metassistema sociocultural.

A insegurança, o cepticismo e a falta de princípios claros, especialmente na teoria dos géneros, originam a falta de consenso no seio da investigação literária moderna quanto a uma lista de elementos individualizadores do género contístico. O destino actual do conto, grandemente influenciado pelo romance moderno, tem dificultado a tarefa de construir uma teoria contística uniforme e tem originado o aparecimento de textos inovadores no campo da produção contística. Tradição e transformação são, pois, duas grandes forças delineadoras do percurso do conto literário. Se, por um lado, encontramos textos que vão buscar à estética do conto o que ela possui de imaginário popular, vestígios da oralidade primitiva, outros há que se distanciam cada vez mais da “forma simples” tradicional, à medida que o género vai evoluindo ao longo dos tempos e sofrendo mudanças graduais. Este facto torna difícil, inúmeras vezes, determinar se são realmente contos certas narrativas que subvertem a configuração estrutural do conto e se deixam contaminar por outros géneros. A origem, o desenvolvimento e a essência do conto português e, em particular, do conto de temática açoriana, revelam-nos um género cada vez mais complexo, inovador e aberto à mudança, chegando a confundir-se com outros géneros e dificultando, desta forma, a classificação genológica. Com efeito, certas narrativas açorianas alargam os contornos do conto, derrubam fronteiras e apropriam-se de muitos traços de outros géneros e subgéneros. Para estudar esses textos, foi necessário ampliar o conceito tradicional de conto e procurar identificar os traços que eles partilham com outras formas breves, nomeadamente a crónica jornalística, a crónica histórica, a narrativa de viagens, a novela, o poema em prosa, o quadro campestre, a autobiografia, a lenda, o mito, a fábula, o artigo de carácter científico, entre outros. Na verdade, encontramos vestígios de todos estes géneros ao longo do percurso do conto de temática açoriana. Todavia, a crónica e o poema em prosa são, indubitavelmente, os géneros que maior influência exerceram. Por isso, muitas vezes, deparamo-nos com contos-crónicas, onde a ficção e a realidade apresentam fronteiras muito ténues; e contos líricos, em que a acção exterior é relegada para segundo plano, predominando, muitas vezes, uma linguagem descritiva que, a par do monólogo interior e do fluir da corrente da consciência, está ao serviço da reflexão lírico-existencial e da visão subjectiva do mundo.

Ao apresentar como elemento de estudo o conto literário de temática açoriana, pretendia debruçar-me sobre um assunto muito pouco explorado na investigação literária portuguesa. Grande parte dos escritores açorianos cujas obras focam a temática açoriana está esquecida e pouco divulgada no panorama dos estudos literários. Apesar disso, muitos contos tratam temas e imagens muito actuais e preponderantes e revelam uma qualidade, domínio técnico e sensibilidade artística que nos permitem enquadrá-los no contexto da literatura nacional. Por isso, um dos objectivos principais é contribuir para divulgar a litera-

tura e a cultura dos Açores, em especial os seus contistas mais significativos, não deixando de relacioná-los com outros escritores da literatura portuguesa em geral.

Uma das dificuldades encontradas foi a escassa bibliografia passiva sobre o conto de temática açoriana, que acabou por se revelar benéfica, pois permitiu uma certa originalidade e liberdade na exploração dos textos. Mesmo assim, pudemos contar com um *corpus* reflexivo e crítico sobre a literatura açoriana, o qual forneceu a base para grande parte das reflexões. Destacam-se os artigos e livros de Urbano Bettencourt, um dos mais fecundos e regulares autores; Vamberto Freitas, também assíduo crítico da literatura açoriana; João de Melo, autor do importante prefácio à *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano*, que lança importantes pistas para estudos mais aprofundados; José Martins Garcia, com os seus valiosos estudos sobre Vitorino Nemésio e Roberto de Mesquita; Adelaide Monteiro Batista, António Machado Pires, Lúcia Helena Marques Ribeiro, entre outros. Nas comunidades lusófonas do Canadá e EUA, evidenciam-se Francisco Cota Fagundes e Onésimo Teotónio Almeida; no Brasil, Luiz António de Assis Brasil, representante de um recente interesse de investigadores brasileiros pela temática açoriana; na Inglaterra, Carmen Ramos Villar, autora de um importante estudo sobre o tema da emigração na literatura açoriana. Não podemos deixar de reconhecer que este trabalho, sobretudo na fase inicial, foi em grande parte inspirado pelas teorias do imaginário de Gaston Bachelard. A influência resultou, principalmente, da correspondência entre inúmeras imagens literárias exploradas pelo pensador e o imaginário açoriano, tais como a casa, nas suas diferentes significações, e as forças elementares, em especial os devaneios de extroversão e introversão activados pela terra.

Antes de mais, é importante alertar para a distinção entre conto açoriano e conto de temática açoriana. Enquanto o primeiro é escrito por autores açorianos, o segundo não tem necessariamente de o ser. Define-se como uma narrativa que retrata um modo particular de pensar, sentir e agir, enfim, um modo particular de ser. A temática açoriana encontra-se, pois, intimamente relacionada com peculiaridades de mundividência. Estes contos, sejam ou não açorianos os seus autores, reflectem essa particularidade, pois inspiram-se em padrões geográficos e socioculturais específicos e têm como base o homem açoriano, profundamente marcado por condicionalismos históricos e geográficos. Além disso, esta temática revela uma multiplicidade de facetas (etnográfica, antropológica, histórica, literária e linguística), o que contribui para enriquecer ainda mais os textos. Assim, como é óbvio, a investigação assentou no estudo de obras que revelam temática açoriana, embora, para evitar uma certa repetição, se tenha usado a primeira expressão («conto açoriano») em determinadas ocasiões. Sei que não é uma categorização nítida e incontestável, mas, creio, suficiente para os fins a que me propus.

A literatura dos Açores evidencia uma visão particular do mundo e da sociedade, inconfundível com o modo de ser português-continental, e que Vitorino Nemésio definiu

como *açorianidade*. Podemos dizer que a *açorianidade* se relaciona com o orgulho de ser ilhéu. Seria incorrecto chamar de bairrismo a este sentimento, pois o ultrapassa em muitos aspectos: enquanto o bairrismo encara o outro como a síntese dos males e institui uma visão dicotómica da realidade nacional, a *açorianidade* não separa o açoriano da comunidade portuguesa. De acordo com Onésimo Teotónio Almeida, "a açorianidade não deve acarretar consigo imperativos metafísicos de insularização para além dos que o mar impõe. Ela deve ser, acima de tudo, a aceitação dos Açores como lugar de nascença e que viaja connosco não como freio, mas como presença afectiva" (Almeida, 1986: 314).

Podemos dizer que grande parte da literatura açoriana é ruralista, mesmo quando a acção se desenrola em espaço citadino. Esse ruralismo está associado à memória colectiva e à arte de contar. De facto, a narrativa açoriana deve muito ao papel da memória, pois, em muitos textos, encontramos narradores que são guardiões da memória colectiva, contadores de histórias que mantêm uma intrínseca ligação com um mundo vivo e autêntico, agentes de uma cultura marcada pela oralidade. E aqui podemos detectar marcas de uma prosa literária tradicional portuguesa, que trazia para o universo narrativo a reconstrução do acto de relatar oralmente, configurando uma particular relação do homem com o seu espaço, uma determinada visão, cuja transmissão e continuidade se procurava assegurar através desse acto. Desta forma, vários contos possuem traços que os aproximam da narrativa tradicional inspirada na memória e na experiência colectivas, mostrando o prazer do contar, a função do enredo, contrapostos ao realismo psicológico apoiado na busca da verdade individual do sujeito criador. A incursão na memória faz-se ainda através da evocação de episódios históricos. Mesmo quando subvertem a História, muitos escritores açorianos depositam nos contos a verdade de uma comunidade e de uma vivência, atormentada quer pelas forças sociais e políticas, quer pelas forças da natureza. Nos contos sobre a infância e a adolescência, a escrita organiza-se, igualmente, em função da memória, fonte de desenvolvimento da narrativa e elemento elaborador do discurso ficcional. Com efeito, os escritores introduzem nas narrativas o que a memória foi aprendendo com a realidade viva, empírica. Tendo de abandonar, muitas vezes forçadamente, o arquipélago, vários autores açorianos transportam consigo essa memória indelével e fazem da escrita um meio de atenuar o afastamento da ilha.

Constituído por cinco partes, este trabalho inicia-se por um capítulo que pretende dar uma visão panorâmica da narrativa açoriana, através de uma perspectiva histórico-literária, procurando apresentar as várias fases, desde o final do século XIX até aos nossos dias, bem como os principais autores, não deixando de discutir o importante papel da imprensa, que contribuiu significativamente para o desenvolvimento não só do conto açoriano mas do conto literário em geral. Ao iniciar com esta espécie de introdução, pensei, em especial, nos leitores não familiarizados com a literatura açoriana, para que entrassem, com uma certa

preparação, nesse universo cativante mas ainda pouco conhecido do público português continental. Importa dizer que, nos Açores, faz-se literatura praticamente desde a descoberta do arquipélago. De facto, data do século XVI a obra *Saudades da Terra*, de Gaspar Frutuoso, considerada como o texto fundamental de um *corpus* literário que se ampliou no decorrer do tempo. Essa actividade foi estimulada por uma imprensa precoce (*o Açoriano Oriental* é o mais antigo jornal português em circulação e está entre os dez mais velhos do mundo), pela criação de estabelecimentos educacionais, em especial destinados à formação religiosa, e pelo intenso trânsito das ideias propiciado pela movimentação em torno dos portos açorianos. Em termos gerais, podemos dizer que, até à Revolução de Abril de 1974, se manteve um certo conservadorismo temático, que moderou as influências do exterior, tardias e normalmente conduzidas por aqueles que, ausentes das ilhas, a elas regressavam ou exerciam maior influência sobre os escritores residentes no arquipélago. Nas últimas décadas, a ficção narrativa açoriana evoluiu no sentido de uma maior abertura a novas experiências e a incursões inovadoras no campo da escrita contística. Manteve-se a ligação com a tradição literária açoriana mas evidenciou-se o diálogo com a contemporaneidade, não necessariamente circunscrita ao espaço insular. Os escritores passaram a olhar a *açorianidade* através de outras perspectivas, recorrendo, para tal, ao humorismo, à ironia crítica, à sátira, ao grotesco, ao registo burlesco, à intromissão do irreal e do insólito na realidade quotidiana, à interiorização, ao lirismo e a uma linguagem geradora de ambiguidade. Com efeito, cada vez mais, os escritores açorianos subvertem os modelos tradicionais do conto literário, desligando-se de regras e normas e enveredando por caminhos que exploram os infinitos recursos da imaginação criadora. Sobretudo a partir da Revolução de Abril, a ficção açoriana apresenta uma maior diversificação em termos temáticos, se pensarmos, por exemplo, na crítica à História oficial e subversão dessa mesma História através de temas como a guerra colonial, tão presente na literatura dos Açores. Enfim, evidencia-se um olhar crítico e irónico que tenta reavaliar a realidade açoriana e relacioná-la com o resto de Portugal e com o mundo.

Nos restantes capítulos, procurou-se estudar os três grandes eixos dos quais emanam os temas e imagens mais recorrentes: a ilha, perspectivada eufórica e disforicamente, o mar e a emigração. Estão, claramente, interligados e, desde o início, requisitam a expressão literária, estimulando a imaginação autoral. No segundo capítulo, a ilha é valorizada positivamente, surgindo como um espaço idílico, com paisagens paradisíacas, marcado pela harmonia, pela serenidade, pela comunhão com a natureza e pela homogeneidade, cenário de histórias simples e rudimentares, em que o comportamento das personagens parece obedecer a uma força instintiva e consentânea com uma determinada moral. Estes aspectos marcaram, sobretudo, a escrita dos chamados "contistas da Horta" (Nunes da Rosa, Florêncio Terra e Rodrigo Guerra), que colocaram a influência das correntes estéticas

da época ao serviço da representação da realidade local. Como paraíso perdido da infância e adolescência, a ilha é um espaço rememorado e recriado através da saudade. Escritores como Hélder Melo, Dinis da Luz, Vasco Pereira da Costa, Cristóvão de Aguiar, Vitorino Nemésio, entre outros, recuperam, literariamente, lugares, pessoas, costumes, animais e experiências iniciáticas, oferecendo-nos páginas emotivas sobre a inocência, a ingenuidade, o prazer da descoberta, a curiosidade e o espírito aventureiro, tão característicos desse período, mas também sobre as primeiras dores, dúvidas, medos e perdas, parte natural do processo de crescimento. Em muitos contos, por trás das personagens, dos objectos, dos lugares, das situações mais comuns, descobrimos forças misteriosas, imagens e símbolos que transfiguram o mundo habitual e que configuram a ilha como um espaço mítico. Normalmente, associado à linguagem poética, o elemento mítico manifesta-se através de um aproveitamento temático, de simples alusões e de imagens que guardam ressonâncias das narrativas primordiais, sem haver a recriação integral do argumento mítico. A configuração da ilha como lugar edénico, a identificação entre ilha e mulher, numa espécie de osmose que alimenta um estranho e complexo universo de sentidos, a presença de personagens dotadas de características incomuns, seres solitários e misteriosos que convivem com deuses e que mantêm uma relação privilegiada com os elementos da natureza, a recriação do mito da Atlântida e a intromissão de elementos míticos num tempo supostamente histórico denunciam a presença do mito num espaço pleno de sentido.

No terceiro capítulo, a visão disfórica da ilha dá-nos a conhecer um homem marcado pelas circunstâncias e pelos condicionalismos opressores do espaço e tempo insulares. Deparamo-nos, agora, com uma representação da ilha que desencadeia associações relativas a cárcere, solidão e circularidade, detectadas no espaço físico, social e psicológico. A sensação de clausura pode ser desencadeada não só pelo espaço físico mas também pelas vivências interiores das personagens. Muitas delas carregam consigo uma prisão interior, mostrando que o cerco é imposto não pelos limites geográficos mas por condicionalismos internos. Em conformidade com um espaço circunscrito e exíguo, que tem como contraponto o mar imenso, depara-se-nos um tempo de suspensão. Assim, a ideia de que, na ilha, nada acontece de novo institui-se como uma imagem recorrente ao longo do conto. Desta forma, muitas personagens estão presas a um quotidiano marcado pela quietude, pela pasmaceira que a todos toca e impregna, e pela eterna repetição de rituais. A representação da ilha como um espaço disfórico passa pela fatalidade do medo, sentido à escala colectiva, que deriva de condições meteorológicas, geológicas e políticas. Fazendo incursões no passado, vários contistas inserem a sua prosa num determinado contexto histórico, como o tempo das lutas liberais ou o tempo dos corsários, que circulam na memória colectiva, concedendo, desta forma, uma base factual ao trabalho ficcional. Muitos autores

configuram a ilha como um espaço de vivência colectiva ameaçado, constantemente, por fenómenos naturais violentos. Nestas narrativas, destacamos, por um lado, a atribuição de um carácter punitivo a esses cataclismos, como se eles constituíssem um meio de castigar, severamente, os pecados cometidos pelos ilhéus, e, por outro, o apelo à protecção divina, por parte do povo, uma situação que revela o importante papel da religião quando a calamidade investe com a sua força arrasadora e nada mais pode servir de auxílio. As sensações de limite, de precariedade e de cerco sentidas no espaço insular são motivadas, igualmente, por conjunturas sociais e económicas. Efectivamente, em diversos contos, a ilha é um espaço que aprisiona as personagens numa vida de extrema miséria, sem escape possível. Os textos estão construídos de modo a mostrarem o papel determinante das condições socioeconómicas no tipo de relação que as personagens estabelecem com o quotidiano concreto. Ao enfatizar o lado sombrio da vida das personagens, o contista assume uma posição denunciadora, ao serviço da representação crítica da sociedade, expondo, questionando e sentindo o impacto do que vê. Assim se caracteriza, por exemplo, a escrita de Dias de Melo, orientada por pressupostos ideológicos firmemente cimentados na ligação do homem com o meio e na sua luta renhida do dia-a-dia.

Desde cedo, os contistas açorianos, à semelhança de muitos outros escritores portugueses, reconhecem que o mar é uma fonte de numerosas imagens e tópicos. Tratado no quarto capítulo, esse elemento revela uma duplicidade significativa: por um lado, é retratado de forma negativa, impondo a prisão, o limite, o isolamento e integrando cenários de catástrofe, onde o naufrágio constitui, muitas vezes, o desenlace do conto; por outro, transmite a ideia de extensão, exerce um profundo fascínio, desperta a sensação de liberdade e, submetendo-se a um processo de humanização, surge, frequentemente, quase como uma personagem (um amigo, um confidente, um conselheiro). Muitas personagens acedem a esse chamamento e lançam-se numa viagem de libertação, que surge, em muitas narrativas, sob um desígnio de fatalidade e de destino inevitável. Um tratamento mais concreto da temática marítima incide sobre a realidade social do pescador açoriano. Ganha relevo a luta contra a exploração levada a cabo pelos patrões, contra a fome e contra o abandono por parte do governo. Neste sentido, o mar surge com toda a realidade objectiva de pormenores técnicos e articula-se com as condições de vida do pescador, configurando um quadro social que sustenta uma tomada de posição ideológica. Neste tópico, ganha relevo a actividade baleeira, um modo de sustento já extinto nos Açores, retratado em determinados momentos da literatura açoriana.

Sendo apontada como o acontecimento central da História dos Açores, a emigração não poderia deixar de ser retratada na literatura. Assim, no quinto capítulo, vemos como o conto de temática açoriana mostra a pluralidade de condicionalismos que rodeiam a partida e o regresso, revelando, ao longo do seu percurso, uma nítida evolução no tratamento

da condição emigrante, inicialmente representada de forma superficial e caricatural, mas ganhando, com o passar do tempo, uma complexidade evidente. Com a crescente humanização da figura do emigrante, percebemos que a emigração envolve não só uma viagem física, mas, também, uma viagem espiritual, que nunca termina, mesmo após a chegada ao tão mitificado estrangeiro, onde a ilha do passado passa a constituir lugar utópico da felicidade. Com efeito, ao definir o açoriano, Carmen Ramos Villar afirma que é alguém que constrói mitos sobre o que existe para lá da realidade imediata (Villar, 2006: 230).

Antes de terminar esta apresentação, gostaria de alertar para o facto de o carácter repetitivo e até certo ponto monótono do trabalho resultar de uma opção consciente. Por um lado, reflecte o ponto central da tese: na literatura açoriana, em particular no conto, há uma certa coesão feita de recorrências, sobretudo um modo açoriano de tratar essas recorrências, as quais estão intimamente ligadas à especificidade da vivência açoriana, marcada por um domínio espaciotemporal opressivo e circular. Por outro lado, a preocupação com os detalhes, com a reiteração de certos aspectos ao longo da tese, com a exposição da história e das personagens e com a contextualização advém do facto de muitos destes textos e autores serem desconhecidos de grande parte do público leitor.

É a primeira vez que, em Portugal, se estuda, numa tese de doutoramento, a evolução do conto de temática açoriana. E esse parece-me ser um mérito visível deste trabalho, o qual, como todos os trabalhos pioneiros, junta as suas lacunas, que devem ser muitas, às análises que, conquanto incompletas, ainda assim têm a vantagem de constituir as primeiras que se fazem nesta matéria. É importante reafirmar que as perspectivas de análise de cada tema não se esgotam nesta investigação, que tenta ser abrangente e não exaustiva. Teria sido mais fácil circunscrever-me a um autor ou a uma época, mas acredito que a tese, dessa forma, não teria o mesmo valor. A minha intenção sempre foi mostrar uma visão panorâmica, salientando os grandes temas e imagens que têm requisitado a expressão literária, no âmbito do conto de temática açoriana.

Para concluir esta apresentação, gostaria apenas de dizer que este trabalho foi deveras gratificante. É com grande emoção que chego ao fim de um longo percurso. Acima de tudo, posso afirmar que ele me permitiu conhecer mais aprofundadamente a relação entre a literatura açoriana e a vivência insular, mas também conhecer-me a mim própria, pois revejo no meu percurso de vida o ciclo tão retratado pelo conto de temática açoriana: a sensação de cárcere, o chamamento do horizonte, a partida, a errância, o apelo das raízes e, finalmente, o regresso. Mesmo quando ainda residia na ilha, sentia a força das raízes e um amor muito profundo pela terra de origem, dois sentimentos que se intensificaram com a partida. Por isso, tal como muitos escritores açorianos que abandonaram o arquipélago, encarei o meu trabalho como uma forma de mitigar a distância e a saudade, um meio de sentir a ilha mais próxima de mim.